

ARTIGO - 4. AS PERSPECTIVAS DA CONSERVAÇÃO DESDE O SUL GLOBAL: PATRIMÔNIO PARA TODOS: DEMOCRACIA E JUSTIÇA SOCIAL / REFLEXÕES SOBRE PATRIMÔNIO: NARRATIVAS PLURAIS E MEMÓRIAS SILENCIADAS / NOVAS PERSPECTIVAS E ABORDAGENS NA GESTÃO, VALORIZAÇÃO E CONSERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO.

NARRATIVAS, SILENCIAMENTOS E REPARAÇÃO: A INSTITUCIONALIZAÇÃO DA MEMÓRIA NO CENTRO ANGLOGOLD ASHANTI

Yasmin Albertina Lopes Martins (yalbertina.ufmg@gmail.com)

Patrimônios institucionais que se apropriam da memória como recurso tendem a reforçar reputações pautadas por legitimação enviesada, como no Centro de Memória AngloGold Ashanti, em Nova Lima (MG). Esses silenciamentos tensionam a ideia de patrimônio como direito democrático e espaço de justiça social, mostrando como a institucionalização da memória pode também operar como mecanismo de exclusão. Assim, a memória em si atua como mecanismo de lembrança e esquecimento, sujeita à latência e reparação.

A expografia não apresenta perspectivas além das gerenciais, silenciando sobre o trabalho escravo desde a instalação da mineração e sobre condições insalubres como silicose e arsenicismo, que afetaram operários mesmo após a abolição e leis trabalhistas. Dois acidentes graves marcaram a Mina de Morro Velho: em 1867, incêndio e desabamento mataram 17 escravos e um inglês; em 1886, ocorreu outro desastre com “numerosas vítimas”, segundo fontes

imprecisas. A ausência de tais fatos na exposição revela uma abordagem superficial para um “lugar de memória”. O discurso exalta a trajetória empresarial e discursos hegemônicos, omitindo os trabalhadores que sustentaram a operação que ali ocorria.

Frente a isso, há o risco da “história única” — narrativa que privilegia versões convenientes e marginaliza outras realidades. Instituições de memória possuem potencial tanto para perpetuar silenciamentos quanto para promover reparações históricas, sendo crucial reconhecer e agir sobre essas escolhas narrativas.

Portanto, se hoje a memória se recusa a calar e os parâmetros museológicos existem para reformá-la, é crucial expor e questionar os limites e complexidades da construção de memórias dentro desses espaços. Só assim será possível romper com discursos unilaterais e afirmar o patrimônio como bem comum, em diálogo com a necessidade atual de pensar processos de descolonização.

Palavras-chave: museologia; memória institucional; bens culturais.